

notícias

**Pesquisa da UEPA traça perfil da Leishmaniose no Pará**

Estudo desenvolvido por alunos de medicina da Universidade do Estado do Pará (UEPA) traçou o perfil epidemiológico da leishmaniose mucosa. A pesquisa tem apoio do Instituto Evandro Chagas (IEC) e da Secretaria de Estado de Saúde Pública (Sespa).

Dengue, malária, febre amarela, todas essas são endemias bastante conhecidas pela população amazônica. Porém, outra doença tão perigosa quanto essas, mas pouco divulgada é a leishmaniose. Um estudo desenvolvido por Ana Paula Jacob Bastos e Luciano Bezerra Fialho Danda, alunos de medicina da Universidade do Estado do Pará (UEPA), traçou o perfil epidemiológico de um dos tipos da doença: a leishmaniose mucosa. Os estudantes concluíram que, nos últimos três anos, 30% dos 144 municípios paraenses apresentaram ao menos um caso.

Sob orientação da professora Lourdes Garcez, da UEPA, e com apoio do [Instituto Evandro Chagas](#) (IEC) e da Secretaria de Estado de Saúde Pública (Sespa), os alunos investigaram o perfil epidemiológico recente da doença. O objetivo da pesquisa é obter dados para orientar as ações de vigilância epidemiológica. Para isso, eles usaram a base de dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), do Ministério da Saúde, de 2006, 2007 e 2008. De acordo com o levantamento, foram registrados, ao todo, 291 casos de leishmaniose mucosa: 109 em 2006, 93 em 2007 e 89 em 2008.

A leishmaniose é uma doença infecciosa, porém não contagiosa, transmitida pelo inseto popularmente conhecido como Tatuquira, vetor do protozoário do gênero *Leishmania*. A doença provoca lesões de vísceras, no caso da leishmaniose visceral, ou de pele e mucosas, no caso da leishmaniose tegumentar, também conhecida como úlcera de bauru ou nariz de tapir. "A leishmaniose é uma doença extremamente complexa, por envolver fatores ambientais, o que dificulta o seu controle", revela a professora Lourdes Garcez.

Na primeira vez em que o indivíduo é infectado pelo agente da leishmaniose, aparece uma ferida no local da picada do inseto. "No início, a lesão não dói, mas coça. Ela é, na verdade, uma úlcera com bordas elevadas. Se não houver tratamento, ela pode evoluir", explica a orientadora da pesquisa. A leishmaniose mucosa, especificamente, é causada pela reativação da infecção do protozoário da espécie *Leishmania* (*Viannia*) *braziliensis*, meses ou até anos depois da primeira manifestação da doença.

O estudo concluiu que, apesar da variação, o índice de prevalência da doença não tem diminuído significativamente nos últimos anos. E que os homens apresentaram mais infecções em relação às mulheres. "Isso ocorre porque os homens estão nas frentes de trabalho. E, atualmente, na Amazônia, a transmissão da doença ainda ocorre mais pelo contato do homem com a floresta", detalha Lourdes Garcez. Os alunos concluíram também que as pessoas atingidas tinham baixa escolaridade.

Os sintomas mais comuns da doença, segundo o estudo, intitulado Perfil Epidemiológico da Leishmaniose Mucosa no Pará, são a obstrução nasal e o aparecimento de lesões no septo nasal anterior. Caso não seja tratada, a agressão dos tecidos pode evoluir e causar o comprometimento de todo o nariz, do lábio superior, do palato e da faringe, provocando graves deformidades e mutilações, impedindo a alimentação, dificultando a respiração e a fala. Por isso, a forma mucosa da doença requer mais cuidados em relação ao tratamento.

Segundo orientações do Programa Nacional de Vigilância e Controle da Leishmaniose Tegumentar, o tratamento da leishmaniose tegumentar é feito com a administração do remédio Glucantime, distribuído gratuitamente pelo Ministério da Saúde, mas que não é vendido em farmácias. O medicamento, segundo Lourdes Garcez, é bastante tóxico. A administração deve ser monitorada pelo médico. "A pessoa faz o tratamento durante 30 dias, com injeções diárias. Após três meses, caso a doença não regrida, ela repete o tratamento", explica. Os pacientes podem apresentar efeitos colaterais, como arritmia, dores abdominais e até anorexia.